

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO BALLET CLÁSSICO – É FUNDAMENTAL CONHECÊ-LA

O ballet, encenação criada ainda na pré-renascença italiana, foi, certamente, em sua origem, um mero entretenimento social, um veículo requintado e belo usado para legitimar a aristocratização de uma classe social recém enriquecida com o comércio. Entretanto, dois séculos mais tarde, este modelo de espetáculo sobreviveu com tal força que, levado para a França por Catarina de Medici deslumbrou à refinada nobreza francesa.

O alto grau de perfeição atingido pelo “Ballet Comique de la Reine”, encenado em 1581, contando com grandes cenógrafos, compositores, poetas, e coreografado por Balthazar de Beaujoyeux, conferiu-lhe o status de primeiro ballet da história.

O ballet nunca mais desapareceu. Ao contrário, gradativamente foi construindo seu vocabulário próprio, incorporando elementos da comédia popular italiana, encontrando seu modelo peculiar

de encenação, apesar de continuar a ser apresentado como divertimento de cortesãos e por eles executado.

Quando, paradoxalmente, o rei Sol, Luís XIV, libertou o ballet de ser dançado por nobres amadores, tão ilustres quanto sem talento, criando a Academia Real de Dança e posteriormente a Academia Real de Música dotada de uma Escola de Dança, semente da Ópera de Paris, o ballet já tinha sido enriquecido com as colaborações de Lully, Racine e, sobretudo, Molière. Tornara-se uma profissão.

No século XVIII Jean-Georges Noverre, com suas observações sobre a necessidade de dar ao ballet coerência e expressividade, logrou transformá-lo, definitivamente, numa arte autônoma.

Os ensinamentos de Noverre influenciaram todo o século XIX, seja no seu período romântico (que no ballet se deu lentamente, até porque, enquanto espetáculo total, precisava de que todos os elementos que compõem sua encenação estivessem solucionados para que uma obra fosse considerada, realmente, romântica), seja no período tardo-romântico. O francês Marius Petipa, na Rússia, criou obras respeitadas como patrimônios da humanidade e conseguiu, inclusive,

libertar a caixa cênica, o palco, da ideia de finitude com “La Bayadère”. A sucessão dos mesmos movimentos, repetidos 35 vezes, com as bailarinas avançando sempre, além de verdadeiramente hipnotizante, sugere que o palco comporta um número infinito de bailarinas.

Finalmente, no século XX, com Sergei Diaghilev e seus Ballets Russes, o ballet passou por uma profunda revolução estética, radical mas estruturada sobre sua técnica secular.

Não foi através do expressionismo, da modern-dance ou da dança livre de Isadora Duncan que o ballet rompeu com seus próprios cânones, mas através de Vaslav Nijinski, à época, o mais refinado produto do tradicional ballet do Teatro Mariinski de São Petersburgo, com seu “Prelúdio ao entardecer de um fauno” e depois com “Sagração da Primavera”. O fabuloso vocabulário do ballet dava e continua dando aos seus artistas as ferramentas necessárias para criar as mais radicais obras vanguardistas, a par de continuar a preservar seu inestimável repertório tradicional. Nijinski levou ao limite ideias já contidas no coreógrafo Mikhail Fokine.

Seus sucessores nos Ballets Russes, Leonid Massine, Bronislava Nijinska, Georges Balanchine e Serge Lifar, todos geniais, enriqueceram a dança clássica com novas concepções de dança,

sempre apoiados na nova proposta de espetáculo de Diaghilev, traduzida por Fokine em seus Cinco Pontos que mudam o conceito de ballet clássico, publicadas em Londres em 1915.

Só para dar uma dimensão dos artistas que colaboraram com Diaghilev, afora os coreógrafos citados acima, vou mencionar, entre compositores, artistas plásticos e roteiristas: Stravinski, Bakst, Benois, Debussy, Gontcharova, Tchelitchev, Fauré, Satie, de Falla, Auric, Poulenc, Prokofiev, Rieti, Nabokov, Hindemith, Milhaud, Picasso, Derain, Matisse, Roerich, Braque, Rouault, Miró, de Chirico, Utrillo, Cocteau, Respighi, etc. Uma epopeia. Daí para diante o ballet seguiu sua senda de grande arte.

Nos EUA ele é colocado na categoria de entretenimento, embora, indiscutivelmente, a criação de Balanchine (absolutamente atemporal e contemporâneo), Jerome Robbins, Anthony Tudor (inglês que desenvolveu sua carreira nos EUA), Twyla Tharp, Ulisses Dove, etc. sejam pura arte, e arte da maior qualidade. Parêntese: nada tenho contra entretenimento; ao contrário, acho impossível determinar a barreira que separa um entretenimento artístico de uma arte que se apresenta como tal, mas é tão somente algo inusitado e/ou divertido.

Na Europa, muito influenciada por Noverre, o ballet é classificado como arte. De fato, como considerar entretenimento obras filosóficas como *Le Jeune Homme et la Mort*, *Corcunda de Notre-Dame*, *Les Intermittences du Coeur* de Roland Petit, transposições históricas ou literárias como *Mayerling*, *Manon* e *Winter Dreams* de MacMillan, ou *Onegin* e *A Megera Domada* de John Cranko, abstrações como *A Criação* e *7ª Sinfonia de Beethoven* de Uwe Scholz, várias criações de Jiri Kylian, William Forsythe, John Neumeier, entre tantos outros ballets eternos, e coreógrafos geniais, que não haveria como citá-los a todos? Cada um dos ballets citados têm profundas raízes nos momentos históricos que representam.

Lamentavelmente, quase sempre os bailarinos se atêm apenas ao aspecto formal dos ballets, gerando a falsa ideia de que ballet é arte de gente bonita e burra. No ballet, todo o desenvolvimento da história ocidental a partir da pré-renascença está claramente retratado. Cabe a nós, bailarinos e de professores, pesquisá-lo, conhecê-lo e transmiti-lo.

Eliana Caminada

Rio de Janeiro, 2011.

